

Cantiga folheto de cordel

→ **Classificação:** Cantiga narrativa de folheto de cordel

→ **Assunto:** História de uma criança assassinada pelo seu professor.

→ **Região:**

- **Distrito:** Lisboa
- **Concelho:** Alenquer
- **Localidade:** Pereiro de Palhacana (em Mata de Palhacana)

→ **Entrevistado:**

- **Nome:** Mariana Monteiro
- **Data de nascimento:** 1942
- **Residência:** Pereiro de Palhacana

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** Filomena Sousa
- **Data de Recolha:** Fevereiro 2011
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 00:03:03

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Ana Sofia Paiva
- **Data de Transcrição:** Maio 2012
- **Palavras:** 445

Cantiga folheto de cordel

Esta não sei se lá vou toda, mas vou tentar.

Naquela casa de esquina

Mora a Senhora do Monte

E a providência divina

Mora ali quase defronte

Fui chamar o meu paizinho:

- Uma nova lhe quero contar

Matei o pavão ao mestre

É favor de lho ir pagar

- Tenho aqui dezoito euros

Aos vinte não chegarão

Inda chegam para pagar

A valia dum pavão

- Arrecade lá o seu dinheiro

Para amigos não é nada!

[Isto era o professor!]

- Venha Antoninho para a escola

Que inda tens a mesma entrada.

Antoninho, coitadinho

Todo o caminho a chorar

Chegou à porta da sala

Ainda ia a soluçar

Professor, assim que ouviu

Num bracinho lhe pegou

Tirou a faca do bolso

No coração lhe espetou

- Ó meninos da escola

Não viram meu Antoninho?

[Isto o pai!]

- Ele está num quarto escuro

Todo ele ensanguentadinho.

- Abram portas e janelas

Meu filhinho eu quero ver!

Quero-lhe o rosto beijar

Antes da terra o comer.

Das dez horas para as onze

E das onze para o meio-dia

Entregou sua alma a Deus

E o seu corpo à terra fria.

Isto era também desses versos. Foi um professor que o miúdo matou o pavão ao professor e o professor matou-o. O pai quis-lho pagar e ele fez que não era nada e matou o menino.

[Essa também já aprendeu há muito tempo?]

Ah! Então é dessa, é desses folhetos! É desses folhetos! Mas foi, foi coisas que me ficaram assim, que era coisas que eu... assim tristes!

E aquilo dizia por baixo, assinado pela Censura! Tudo quanto é assinado pela Censura é verdadeiro! Uma professora em Leiria castigou uma menina numa cave. Meteu a menina na cave todo o dia até que deu as aulas. Meteu lá a menina na cave, a menina chorava, chorava, chorava, chorava! Os alunos deixaram de ouvir a chorar a menina e pediram para ela ir soltar a menina. A menina morreu com uma cobra enrolada ao pescoço. A cobra enrolou, enrolou, enrolou, enrolou, enrolou, matou a menina. Isto foi verdade! Isto não é história nenhuma!

Se fizessem – se fizessem certos versos de coisas que acontecem, ah, se havia coisas também importantes! E comoventes. É. E comoventes. Como essa, essa empregada, essa que tinha a casa das crianças, que dava comprimidos para as crianças dormirem todo o dia! Isso queria, isso fazia aí um... Um *coiso*... Se eu fosse mais nova, eu, eu... Eu ainda ia... Ainda ia para a escola, hum? E que tivesse boa vista! Eu havia de fazer um livro da minha vida e de tudo, dessas coisas todas que faziam aí assim!